

Revolução copernicana: a psicanálise diante da modernidade

Pedro Luiz Ribeiro de Santi

E-mail: plrsanti@uol.com.br

Resumo: Este texto procura apresentar algumas relações entre a psicanálise freudiana e a subjetividade moderna. Propõe-se, ainda, uma diferenciação entre modernidade e contemporaneidade, e as conseqüências disso para a nossa clínica atual. Da postulação freudiana sobre a ferida narcísica infligida pela psicanálise ao homem, sob a expressão “revolução copernicana”, procura-se explorar a ambigüidade de Freud diante da Modernidade. De um lado, seu pensamento crítico toma como alvo o fundamento mesmo da Modernidade: o sujeito. Mas, de outro, todo o sistema freudiano refere-se a uma experiência de interioridade caracteristicamente moderna, própria do funcionamento neurótico da mente, que parece estar desaparecendo no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: psicanálise; subjetividade; Modernidade.

Abstract: This article presents some relations between Freudian psychoanalysis and modern subjectivity. It is also proposed a differentiation between modern and contemporary times and it's consequences to our clinical work today. From the Freudian postulate according to which the narcissistic wound inflicted in Men by psychoanalysis, under the expression “copernician revolution”, it is explored Freud's ambiguity towards Modernity. From one side, his critical thought takes as target the fundament of Modernity: the subject. But, from the other side, the whole Freudian system relates himself to an experience of interiority characteristically modern, peculiar of the neurotic functioning of the mind, which seems to be disappearing in the contemporary world.

Key-words: psychoanalysis; subjectivity; Modernity.

Revolução copernicana

Freud costumava pensar que a disciplina criada por ele infligia uma forte ferida narcísica ao homem. Ao lado de Copérnico e Darwin, a psicanálise teria tirado o homem de uma pretensa posição de centralidade e privilégio no mundo. O primeiro golpe teria sido desferido por Copérnico, ao afirmar que a Terra não é o centro do universo, mas somente um fragmento numa imensidão inimaginável; o segundo foi dado pela biologia, que retirou o homem de um lugar privilegiado na criação e o inseriu na ordem natural entre os demais animais. Seu próprio ataque ao narcisismo humano é apresentado – sem muita modéstia – da seguinte forma:

A terceira e mais sensível ofensa que a megalomania humana sofreu partiu da pesquisa psicológica da época atual, que procura provar ao eu que ele não é senhor nem mesmo de sua própria casa, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do que acontece inconscientemente em sua vida anímica. (Freud 1983, p. 295)

Ao aliar-se a esses dois termos – “revolução” e “Copérnico” –, Freud já nos propicia uma pista para pensarmos a posição da psicanálise no movimento moderno ocidental. Ao identificá-la com a denúncia de uma ilusão à qual os homens se apegam, Freud classifica-a como instrumento crítico.

Para iniciar este percurso sobre a psicanálise de Freud, é pertinente recuperar as definições de Modernidade. O termo “revolução”, na sentença freudiana, remete-nos de imediato à concepção de Modernidade inaugurada por Hegel e Marx. Trata-se da negação contínua que ela opera sobre o poder da tradição: revolucionar é uma necessidade intrínseca à própria Modernidade. Em outros termos, ao se apresentar individualmente como revolucionário e em ruptura com o que o antecede, Freud, paradoxalmente, *filia-se* à Modernidade.

A referência a Copérnico, obviamente, filia Freud à tradição científica moderna, com a imposição da força da observação objetiva e

dos fatos sobre a autoridade canônica. Quanto ao trabalho de desiludir o homem e depô-lo de qualquer posição privilegiada, é aqui que Freud se insere no campo da crítica ao eu. Nesse ponto reside sua ambigüidade com relação à Modernidade. Se ela é o reino do eu – quer como eu epistêmico, quer como eu interiorizado ou eu empírico individualizado –, a crítica psicanalítica incide especificamente sobre seu fundamento. E se a Modernidade for pensada como campo do sujeito reflexivo, então, Freud seria um de seus maiores expoentes.

É quase dominante a concepção de que a Modernidade se caracteriza, desde Descartes, pela concepção de um eu soberano. Desiludir o eu, informando-o de que ele não é dono de sua própria casa, seria subverter o pensamento moderno. O pensamento de Freud, como o de Nietzsche, funcionaria a marteladas, destruindo ilusões que mantêm o homem alienado de sua condição.

Lacan é um dos maiores defensores dessa interpretação. Em seu seminário *O eu na teoria de Freud e na prática psicanalítica*, ele se dedica a explicitar essa posição. O contexto da argumentação de Lacan era a disputa com a psicologia do ego americana, que procurava fundamentar em Freud o reforço do eu e a crença de que o mesmo contaria com uma esfera livre de conflito. A posição de Lacan é radical: “Tudo o que Freud escreveu tinha por finalidade restabelecer a perspectiva exata da excentricidade do sujeito com relação ao eu” (Lacan 1978, p. 60). Com essa perspectiva, a psicanálise nunca poderia ser pensada como um expediente adaptativo da pessoa ao meio, tal como se depreende da psicologia do ego.

Mas, se é inegável que Freud opera essa subversão do sujeito, é preciso observar também que há aí certa ambigüidade (talvez inevitável). O próprio enunciado de Lacan contém tal ambigüidade: de um lado, há o descentramento do eu; de outro, a referência a um “sujeito”, este sim central. Sem entrar no mérito e na complexidade da concepção de sujeito para Lacan (sujeito entendido como efeito do discurso, e não como substância), digamos que o sujeito foi descentrado para acabar entrando de volta pela porta dos fundos.

Autores posteriores a Lacan, ainda que muito influenciados por ele, ponderam com mais calma e complexidade a posição freudiana. Laplanche, num artigo chamado "A revolução copernicana inacabada", cria a imagem de que Freud seria seu próprio Copérnico, mas também seu próprio Ptolomeu: há, ao mesmo tempo, descentramento e centramento em seu modo de pensar. A revolução copernicana abriu a perspectiva, não só de que a Terra não seria o centro do universo, mas de que, simplesmente, não existiria centro. Freud teria aberto a porta para tal concepção com relação à mente, mas, em determinados elementos de sua teorização, ele teria procurado apoiar ou centrar o psíquico sobre algum fundamento, perdendo, com isso, a radicalidade de sua descoberta.

As perspectivas de transformar o inconsciente em consciente, submeter o isso ao eu ou fundamentar o isso no campo biológico seriam elementos de rescentramento no pensamento de Freud. Laplanche traça um paralelo desse movimento com o próprio trabalho do eu, que, a cada abertura ou irrupção do não-eu, busca repor tudo em ordem, digerir e assimilar o estranho e torná-lo familiar. Para Laplanche, a restituição da dimensão propriamente copernicana dependeria de se manter uma concepção do inconsciente como o estranho que se abre à alteridade e que a análise deve manter, ao invés de domar.

A ambigüidade de Freud com relação à Modernidade é reconhecida por diversos outros comentadores. Por exemplo, diz Garcia-Roza em *Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise*: "Enquanto produtor de um discurso teórico conceitual, ele se insere na tradição platônico-aristotélica, mas enquanto produtor de uma prática clínica que lida sobretudo com a ambigüidade da palavra, ele se insere na tradição sofística" (Garcia-Roza 1998, p. 99).

Confrontando Freud e Descartes, Garcia-Roza diz que o último recorre a Deus, em seu esforço por fundamentar a razão conceitual, e recusa o caminho da opinião e do vivido cotidiano, que se configuram como o lugar do desamparo. A psicanálise teria recuperado o lugar para o saber

iluministas 'modernos e forneceria instrumentos, tanto para a crítica do próprio Iluminismo como para compreender o mal-estar antimoderno: "A psicanálise é a consciência infeliz do Iluminismo, a adesão obstinada ao racionalismo e ao universalismo da ilustração e ao mesmo tempo a suspeita de que se trata, nos três casos, de uma luta perdida de antemão" (Rouanet 1993, p. 101). Sem abrir mão de um projeto iluminista, Freud teria uma visão pessimista, segundo a qual a civilização só seria possível ao preço da mutilação do homem. Freud é iluminista e crítico, na medida em que o Iluminismo é crítico. Ele é também cético, conclui Rouanet, sem ser niilista.

Dentre as diversas definições de Modernidade, consta aquela que a define como campo da interioridade do indivíduo em contínua busca de construir-se. É redundante apontar o quanto a psicanálise é tributária desse modo-de-subjetivação. No contexto da formação do "homem psicológico" moderno, a psicanálise criou o paradigma terapêutico para a crise da subjetividade privada.

Birman, em *Mal-estar na atualidade*, faz uma análise do que significa ser sujeito, segundo a psicanálise: "Ser sujeito, pois, é ter de recomeçar insistentemente seu percurso singular, ter de lidar com seu desamparo em um mundo em que universalidade e totalidade não mais existem" (Birman 1999, p. 95). Essa definição pode parecer "pós-moderna", mas creio que podemos considerá-la moderna, com ares renascentistas.

Esse modo de subjetividade, embora mergulhe o sujeito em si, leva-o à construção de um espaço de interioridade e, digamos, profundidade. Os sujeitos assim constituídos parecem possuir um lastro relativamente estável e consistente. Eles são o que a psicanálise denomina neuróticos, algo que no senso comum consideramos as "pessoas normais". Seres em conflito e sofrimento, mas relativamente capazes de encontrar um lugar para si num mundo com poucas referências externas. Indivíduos assim constituídos, embora autocentrados, não estão mergulhados numa dinâmica narcísica. Eles possuem um mundo interno de fantasias e valores e podem, como Hamlet, entreter-se em monólogos. Num certo sentido,

é com relação a essa forma moderna de subjetivação que contrapomos o narcisista.

Retomando a discussão sobre a relação entre a vertente crítica e a Modernidade, arrisquei em meu livro *A crítica ao eu na Modernidade – em Montaigne e Freud*, a seguinte hipótese: *a Modernidade, enquanto domínio do homem sobre o mundo tomado como objeto, abriga intrinsecamente um movimento de dissolução da tradição e, assim, a crença em qualquer sentido último ou verdade essencial para a existência que se estabelece como tal. Este movimento atua, no entanto, com um elemento dissolutivo interno, que acaba por corroer o próprio fundamento sobre o qual se apoiava a Modernidade: o sujeito.*

3. Modernidade e contemporaneidade

Creio que temos elementos para distinguir estas duas temporalidades: a Modernidade e a contemporaneidade. O mais clássico é que se oponham sociedades tradicionais e modernas. As primeiras seriam aquelas nas quais os esquemas coletivos e sociais dariam conta da experiência humana. O mito se impõe à experiência singular. As sociedades modernas são aquelas advindas do fim do Renascimento, tal como definimos anteriormente. Nelas, há o surgimento do sujeito moderno, alguém que se crê livre, centro do mundo, dono de um mundo interno rico e único, bem como prestador de serviço e fonte de força de trabalho, mas com direito a uma vida privada inviolável.

Acrescento aqui que a contemporaneidade parece ter levado ao extremo a experiência moderna, de forma a não podermos ter uma noção precisa se ainda pertencemos àquele campo (como na expressão Alta-Modernidade) ou se rompemos com ele (como na expressão Pós-Modernidade); portanto, não sabemos como denominar de forma própria tal experiência.

De toda forma, mesmo na compreensão que privilegie a continuidade levada a extremos, determinadas formas de experiência têm se

dado a nós a ponto de mecanismos de defesa extremamente primitivos do funcionamento mental se tornarem precipitados e correntes. É a isso que se refere a expressão “Cultura do Narcisismo”.

Em alguns trabalhos que tentam pensar a contemporaneidade, parece haver o pulo de um degrau nessa história. O mundo contemporâneo (freqüentemente datado de meados do século XX) é apresentado como aquele que teria rompido com a ordem *tradicional moderna*, ocasionando perda de referências, angústia extrema às pessoas, etc.

Creio que se pode ver que o mundo contemporâneo não sucede uma sociedade tradicional cheia de certezas e estabilidade, muito pelo contrário. A Modernidade representou a convivência com a perda das referências tradicionais (medievais). A ciência não é o mundo das certezas, mas do melhor que pudemos conhecer até então, sempre ante a possibilidade de que novos fenômenos e experimentos nos levem a rever tudo o que considerávamos assentado. A democracia, identicamente, é o reino do conflito e da alternância no poder. O sujeito não predestinado é aquele que deve estar sempre se desenvolvendo. Tudo na Modernidade é movimento e instabilidade: ela é orientada para o futuro. Nesse sentido, *uma cultura do narcisismo não é aquela na qual as referências sólidas acabam de se perder, mas aquela na qual a instabilidade de longa data torna-se insuportável e leva à busca de refúgios que pudessem parecer mais sólidos e seguros*. Como vemos com facilidade, estamos numa época de retorno de fundamentalismos e de urgência em responder a necessidades primárias: saúde, emprego, segurança. Talvez possamos até mesmo dizer que as sociedades consideradas tradicionais não foram assim tão estáticas, mas só adquiram essa imagem de nossa perspectiva.

Para apoiar essas hipóteses, tomemos brevemente a argumentação de Zygmunt Bauman, em *Modernidade líquida*. Para ele, a Modernidade pode ser pensada como um processo de dissolução (liquefação) desde o início. Hoje, a aceleração e a dissolução teriam chegado a seu limite natural: a instantaneidade de acesso a qualquer coisa que se queira e a obsolescência igualmente instantânea dos objetos ou soluções encontrados.

O processo de modernização teria criado uma distância cada vez maior entre aquilo que se colocou como infra-estrutura social – a base econômica – e o que foi relegado à subestrutura: o cenário mais imediato de nossa vida e da política. Em outros termos, enquanto as bases da sociedade parecem cada vez mais remotas e imutáveis, nossas experiências parecem cada vez mais voláteis e não estruturadas. Temos visto, no Brasil dos últimos quinze anos, presidentes eleitos democraticamente ocupando seus cargos e mandatos com políticas econômicas idênticas, a despeito de suas diferenças partidárias e pessoais.

O mundo moderno atingiu um grau de liberdade individual sem precedentes, mas esta parece vir acompanhada de um forte sentimento de impotência. Somos capazes de ser altamente críticos com relação ao mundo que nos cerca, mas essa crítica seria “desdentada”, por ser incapaz de se converter em ação que leve à transformação social.

Bauman também pensa o mundo contemporâneo como uma modificação do mundo moderno e não do tradicional. Para diferenciar esses dois mundos, utiliza uma imagem bastante esclarecedora:

Rockefeller pode ter desejado construir suas fábricas, estradas de ferro e torres de petróleo altas e volumosas e ser dono delas por um longo tempo [...] Bill Gates, no entanto, não sente remorsos quando abandona posses de que se orgulhava ontem; é a velocidade atordoante da circulação, da reciclagem, do envelhecimento, do entulho e da substituição que traz o lucro hoje – não a durabilidade e a confiabilidade do produto. (Bauman 2001, p. 21)

Outro ponto que nos interessa na análise de Bauman é a observação de que a Modernidade era voltada ao futuro e que, hoje, a crença no futuro como fim atingível entrou em colapso. Assim, o desejo – entendido como movimento em direção a um objeto supostamente capaz de dar conta dele, tal como define Freud – teria sido substituído por um movimento vazio de objeto, que se revela em sua compulsividade pura.

O narcisismo nos limites da Modernidade

Desde meados do século XX, surgiram na literatura psicanalítica especializadas referências a formas de sofrimento que não se enquadram no modelo clássico: neurose, perversão, psicose. Alguns desses casos são denominados, por isto, casos-limite ou *borderline*. A literatura sobre eles costuma afirmar, justamente, que essa forma de sofrimento seria própria ao século XX, caracterizada pelo predomínio do narcisismo no funcionamento mental. Temos, assim, com referência a esses casos, uma relação mais comumente admitida entre sofrimento/psicopatologia e cultura/sociedade.

Para Hegenberger, em *Borderline*, por exemplo, o quadro *borderline* é fruto direto da crise de valores tradicionais acentuada no século XX. Desprovido de laços sociais ou familiares e envolvido num regime cada vez mais individualista, o homem seria, então, empurrado para uma crise existencial, para a perda de relações estáveis. Numa sociedade em contínua transformação, que se acelera a cada dia, o homem se vê entregue à depressão, ao sentimento de vazio, ao tédio e à solidão, que caracterizam o quadro. Como se vê, o autor percebe a relação entre essa forma de sofrimento e a cultura contemporânea, mas parece ter uma formulação muito insuficiente de Modernidade.

Os casos-limite também costumam ser alinhados a formas de sofrimento ligados ao narcisismo, mas que não se incluem na psicose. Desde os anos 70 do século XX, fala-se, na antropologia e na psicanálise, que viveríamos hoje numa “cultura do narcisismo”, na qual, justamente, a pressão dos estímulos externos e o sentimento de insegurança estariam nos empurrando para um fechamento defensivo narcísico. A violência e o assédio que sofremos é tamanho que estaríamos desenvolvendo uma anestesia e isolamento extremos. Sobrecarregados com o regime de prontidão contínua, que caracteriza o estresse, nossas relações seriam todas superficiais – já não teríamos tempo para digerir nossas experiências ou desenvolvermos um espaço de interioridade e memória.

Identidades fortemente narcísicas são suspensas de crise em crise, emergência em emergência, moda em moda, etc., faltando a elas um lastro de história e reflexão. Sacos de vento – se param, afundam. Os casos-limite são descritos em termos muito semelhantes: eles possuiriam certa casca de normalidade ou “funcionalidade”, mas essa casca é fina e esconderia, talvez, até mesmo uma psicose latente.

Luís Claudio Figueiredo faz, em “O caso-limite e as sabotagens do prazer”, um levantamento abrangente sobre a literatura relativa aos casos-limite, formulando que eles seriam “doenças das fronteiras do ser”. As fronteiras do eu vacilam, gerando sentimento de vazio, depressão despersonalização, etc. Cito o autor:

As realidades externa e interna perdem sua consistência quando perdem suas fronteiras bem investidas [...].

A falta de coesão do *self* apontado por todos os autores que lidam com o quadro clínico *borderline* sugere que algum problema sério ocorreu no processo de construção e investimento pulsional das fronteiras externas e internas do eu. (Figueiredo 2003, p. 72)

A clínica do caso-limite nos remeteria diretamente à clínica do social, ou seja, à necessidade de compreendermos as situações ou estados-limite em que vivemos. Proponho que possamos pensar a disposição da construção de nossa subjetividade em três tempos: as sociedades tradicionais, afirmando o peso do passado e a estabilidade do mundo; as sociedades modernas, orientadas para o futuro e em constante conflito; e a sociedade contemporânea, centrada no imediato, quer na urgência relativa à sobrevivência, quer na fruição de prazeres transitórios. Nesta última, as forças em ação não parecem conseguir se resolver em conflitos e compromissos, mas forçam sua presença de forma traumática, como vemos nas formas das psicopatologias contemporâneas.

A psicanálise, tal como concebida por Freud, representaria a subjetividade moderna e sua crise. De nossa parte, psicanalistas contemporâneos, vemo-nos chamados a dar conta desse embaralhamento entre o

campo do desejo e o da necessidade ou compulsividade; entre o do mundo interno tomado de fantasias e culpas e o da vida mental totalmente exteriorizada e dependente dos objetos externos; entre a realidade psíquica e a experiência num mundo saturado e traumático.

Referências

- Bauman, Zygmunt 2001: *Modernidade líquida*. São Paulo, Cia das Letras.
- Birman, Joel 1999: *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Figueiredo, Luís Claudio 1995: *Modos de subjetivação no Brasil e outros estudos*. São Paulo, Escuta/Educ.
- _____. 2003: "O caso-limite e as sabotagens do prazer". In: *Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo, Escuta.
- Freud, Sigmund 1983: Conferência 18. "A fixação ao trauma. O inconsciente". *Gesammelte Werke*. v. XI. Frankfurt, Fischer.
- Garcia-Roza, Luis Alfredo 1998: *Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Hegenberger, Mauro 2002: *Borderline*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Lacan, Jacques 1978: *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris, Seuil.
- Laplanche, Jean 1992: *La révolution copernicienne inachevée*. Paris, Aubier.
- Rouanet, Sérgio Paulo 1993: *Mal-estar na modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Santi, Pedro Luiz Ribeiro de 2003: *A crítica ao eu na modernidade – em Montaigne e Freud*. São Paulo, Casa do Psicólogo.